

DA CRISE DA LÍRICA NA ERA INDUSTRIAL EM ASCENSÃO

Suzana Camargo

LE SON T'ENGAGE (1)

“sans craindre même son tangage”

há crise a crise (3) a crítica o crivo
lírica individual atemporal
espaço branco total (4)
malharmörrike (4) mallarmaico
mallarmarx mallarmárxima (6)
as armas da crise

precedem

a crise das armas
stephan mallarmé george (7)
pré nazista obscurantista
altamente individualista
adorno o pessimista
nega o mundo de produção (8)
walter otimista prevê a renovação (9)
escrito escrita escritura
paz semiótico *signos em rotação* (10)
roda rota ruptura
 transposição estrutura (11)
 método objeto
 acaso objeto
objeto à quantidade
que virará qualidade (12)
factuais casuais causais (13)
a escrita atinge seus valores objetivos (14)
cripta escrita ex-cripta cartoteca (15)
está começando o jogo da peteca (16)
un coup de dés jamais n'abolira le hasard
hasard haphazard (17) azar
como um fantôme abissal
surge a escrita tridimensional

sacudindo à luz da aurora
a branca agonia de outrora (18)
coprolalia coprografia tipografia
construção diagrama tecno-estatístico
a máquina de escrever forma o artístico
jornal serve à escritura não horizontal
vertical informe tridimensional
à rebours d'un texte qui en vers tout salut
donner un sens plus pur aux mots de la tribu (19)
lembrando *agora* sans JAMAIS oublier
aqui toute pensée emet UN COUP DE DÉS (20)

(1) — Recomendação para uma leitura intertextual da crítica do poema moderno (Mallarmé principalmente);

(2) — onde se procura através do engajamento dentro da própria linguagem proposta por Mallarmé em seu poema “Salut”, ao qual pertence o verso da epígrafe — mostrar que quando Mallarmé põe em questão a linguagem e o verso, está pondo em questão a própria sociedade;

(3) — como pode ser verificado em seu ensaio “Crise de vers”

(4) — Segundo Jean Pierre Richard, *L'Univers Imaginaire de Mallarmé*, Paris, Seuil, 1973, “com nada enconder-se-á o nada” (cit. op., 299), isto é, *o vazio alienante* que Mallarmé denuncia em sua “Crise de vers”

(5) — Em *Conferência sobre Lírica e Sociedade*, In: *Os Pensadores*, São Paulo, Abril, 1ª ed., vol. XLVIII, 1975, Theodor Adorno cita dois poemas que “participam da corrente subterrânea coletiva” (cit. op., 209) Um desses poemas é o de Mörike, um dos poetas líricos mais individualistas, pré-baudelairiano, que, segundo Adorno, “já partilha do paradoxo da lírica na era industrial em ascensão” (cit. op., 211), denunciada por Mallarmé em “Crise de vers”:

“Narrar, ensinar, mesmo descrever, tudo vai bem e ainda para cada um seria suficiente, talvez, para modificar o pensamento humano, tirar ou pôr em silêncio da ou na mão de outrem uma moeda, o emprego elementar do discurso que serve a *reportagem* universal, da qual, excetuada a literatura, participam todos os gêneros contemporâneos”

(*Oeuvres Complètes*, Paris, Gallimard, 1970, p. 268)

(6) — Segundo Marx — que para Octávio Paz “antecipa a situação do poeta contemporâneo” (*Signos em Rotação, São Paulo, Perspectiva, 1972, p. 115*) — “as armas da crítica precedem a crítica das armas”

(7) — O segundo poema, citado por Adorno, que participa da “corrente subterrânea coletiva” (cf. nota 5) é o de Stefan George. Adorno cita George provavelmente por ter sido o primeiro discípulo de Mallarmé (por isso assimilei seu nome ao de Stéphane Mallarmé).

“(. . .) o ouvido do discípulo alemão de Mallarmé escuta a sua própria língua como estrangeira.”

Outra razão da escolha de Stefan George seria o fato dele ter sido considerado um pré-nazista, individualista, não se submetendo à indústria cultural de que trata Umberto Eco em *Apocalípticos e Integrados*.

(8) — A tese de Theodor Adorno — desenvolvida em *Conferência sobre lírica e sociedade — é a negatividade como forma de negar o mundo de produção* através da reflexão da forma. A linguagem de Mallarmé se encontra com a de Adorno — no sentido social e político — principalmente na visão do poeta francês: “o hoje como uma fase negativa da evolução histórica.” (Cf. Jean Pierre Richard, (op. cit. p., 266)

(9) — Em *A Obra de Arte na Época de suas Técnicas de Reprodução, In: Os Pensadores, 1ª ed., vol. XLVIII, 1975* — Walter Benjamin prevê a renovação através do desenvolvimento das técnicas de reprodução.

(10) — Octávio Paz assinala:

“(. . .) o triunfo do signo sobre o significado nas artes, e, agora, da coisa sobre a imagem. Processo circular: a pluralidade se resolve em uniformidade, sem suprimir a discórdia entre as nações, nem a cisão nas consciências; a vida pessoal, exaltada pela publicidade, dissolve-se em vida anônima; a novidade diária acaba por ser repetição e a agitação desemboca na imobilidade. Vamos de nenhum lado a nenhuma parte.” (op.cit., p. 98)

Ou seja: o mundo de produção dissolve a crise, o estado de mudança, e o “Crescimento do eu ameaça a linguagem em sua dupla função: como diálogo e como monólogo (. . .) A poesia: procura dos outros, descoberta da outridade.” (op. cit. p. 102)

Mais adiante Paz remota o tema da outridade, mostrando como “a dispersão da imagem do mundo em fragmentos de conexos resolve-se em uniformidade e, assim, em perda da outridade.” (cit. 106)

(11) — Em “La crise de vers”, Mallarmé descreve as funções referencial (comunicativa) e poética da linguagem:

“Falar somente se liga comercialmente à realidade das coisas: em literatura, isso se limita a fazer aí uma alusão ou a dissipar sua qualidade que incorporará alguma idéia.

“A esta condição se arremessa o canto como uma alegria aliviada.

“Esta visada, eu a digo Transposição-Estrutura uma outra” (*cit.*, p. 366)

A Transposição seria a distância alusiva ao real. A alusão nada mais é que a distância entre a poesia e o real.

À linguagem na função transpositiva — oposição entre a fala cotidiana e a linguagem da própria poesia — Mallarmé dá o nome de *Estrutura*, isto é, a visada de tipo poético resultaria numa estrutura, tendo por finalidade abolir o significado comercial das palavras e transformá-las em objeto autônomo.

(12) — Tese de Walter Benjamin:

“Antes, chega o momento em que quantidade se transforma em qualidade, e a escrita, avançando cada vez mais fundo no domínio gráfico de sua nova e excêntrica figuralidade, conquista de súbito os seus adequados valores objetivos” (Augusto de Campos et Allii, “Uma profecia de Walter Benjamin”, In *Mallarmé*, São Paulo, Perspectiva /EDUSP, 1974, p. 193)

(13) — Em “Caracterización de Walter Benjamin” — *Prismas*, Ediciones Ariel, Barcelona, 1962 — Adorno mostra como “Benjamin se apoderava da essência precisamente nos pontos em que o muro da factualidade esconde e defende raivosamente todo o essencial” (*op. citi. p.*, 245)

A “casualidade” aparece nas considerações que ele faz — no artigo citado na nota acima — sobre o surgimento da imprensa na Alemanha.

“() Casualidade ou não, o surgimento desta na Alemanha ocorre na época em que o livro, no sentido eminente do vocábulo, o Livro dos Livros na tradução Bíblica por Lutero, torna-se um bem do domínio público.”

(14) — Cf. nota 12.

(15) — No mesmo artigo Walter Benjamin prevê o desaparecimento do livro, dando lugar a duas cartotecas:

“() Pois tudo o que é essencial encontra-se no fichário do pesquisador, que o redigiu, e o intelectual que o estudo, assimila-o à sua própria cartoteca.” (cit. 194)

(16) — Refiro-me à intertextualidade e ao poliglotismo.

(17) — Termo empregado por T.S. Elliot em seu artigo “From Poe to Valéry” “Haphazard” marca a intertextualidade com o “hasard” de Mallarmé, expresso em *Un coup de dés*.

(18) — A escrita tridimensional assinalada por Benjamin em seu artigo inserido na “*Tridução*” dos irmãos Campos, vai substituir o “cisne de outrora” (a antiga escrita) cujo “colo estremece sob a alva agonia”

“Fantasma que no azul designa o puro brilho,
Ele se imobiliza à cinza do desprezo
De que se veste o cisne em seu triste exílio”

(In: Mallarmé, cit, p. 63)

(19) — Para Mallarmé, a função da literatura é “dar um sentido mais puro às palavras da tribo”

(20) — O *aqui* e o *agora* assinalados por Octávio Paz em *Sígnos em Rotação* — “Poesia: procura de um agora e um aqui” (op. cit. p., 106) — remetem à literatura de circunstância — expressa nos “versos de circunstância” de Mallarmé — que vai desembocar na leitura vertical de *Un coup de dés*, proposição final de meu cripto-poema, onde eu deixo a pontuação para ser colocada à vontade do receptor, para que, operando com ele como elemento lúdico, possa fruir melhor o *prazer do texto*, já esgotado, aliás, pelo excesso de notas ao texto.